Resposta ao livro *À escuta[[1]](#footnote-1)*, de Jean-Luc Nancy.

Quando penso sobre a verdade, na verdade que me comove e na que me provoca, parece sempre mais fácil ou menos difícil pensar numa imagem do que num som. Seja um instinto primeiro ou um costume teórico, provocado e instigado pelas leituras que fazem alegorias, que incentivam na imagem a associação dos sentidos, não parece ser o som o primeiro sentido quando se pensa na verdade.

Mas Nancy se pergunta: “a própria verdade como a transitividade e a transição incessante de um vir-e-partir não deve escutar-se mais do que ver-se?” (P.14) Não deve? Afinal o que é estar à escuta? À escuta do quê? Um barulho visual (P.14) é mais alto ou mais baixo do que um barulho propriamente sonoro?

Essa abertura inevitável que é este órgão sensível, que escuta a própria voz de modo diferente, interceptado pelo dentro ou pelo fora; esse órgão-sentido não seria, talvez, mais próximo à especulação da verdade, por essa inevitabilidade de fechamento, não é a escuta aquilo que não se fecha? Nas palavras de Nancy, os ouvidos não têm pálpebras... E não seria agora o momento onde é mais preciso do que nunca não poder estar fechado à fala do outro, ao ruído, ao barulho, ao som que vem de fora? Mas também é preciso, então, não estar surdo ao próprio ruído que vem de dentro, este barulho do pensamento que não silencia. Esse sentido que nos lembra que estar à escuta é talvez, como diz Nancy, ser à escuta. (P.15)

Estamos no tempo onde essa mesma escuta é usada como instrumento de controle, que está atrás da porta, à espera de uma declaração, de uma confissão. Essa habilidade primordial e sensível está também a serviço de um utilitarismo vigilante. Como pode esse estado de abertura inevitável ser ao mesmo tempo tão perverso e controlador? Qual o limite? Afinal estamos sempre ouvindo dizer... Algo sempre chama a escuta, de forma talvez aleatória ou inconsciente. Como tornar o sentido sensível sem que ele se restrinja a uma sensatez doente? Como estar à escuta sem ambicionar tomar o lugar de ouvinte de Deus, aquele que está à escuta de todas as confissões em todos os lugares do mundo ao mesmo tempo, e, portanto, assumir uma parcialidade e uma fragilidade tão necessários à escuta sensível quanto a própria abertura.

Estar à escuta é realmente estar à espreita de um sujeito? (P.23) Ou à espera de um segredo, de algo oculto, do que ressoa por trás das palavras, desse sentido possível, mas não determinado (P.17), não imediatamente acessível? Seriam coisas diferentes? Estaríamos numa obsessão por escutar o outro ou a si mesmo? O que há com a escuta?

Nancy fala de uma ressonância fundamental, de um “burburinho transcendental” que está por trás de toda palavra, de todo silêncio (P.45), de algo que pode estar além da compreensão e que, portanto, torna mais importante a partilha do que a transmissão. Algo que é como um ataque, uma picadela, uma fricção, algo que contagia, contamina, que atiça o sentido. Mas estar à escuta disso, é estar sujeito a uma perturbação, a uma tensão... Estar à escuta é estar disposto ao encetamento do sentido, a uma incisão, um corte na indiferença in-sensata. (P.48)

Relacionando ao contexto em que estamos aqui, não seria a sala de aula o espaço onde ressoam essas singularidades plurais que escutam e ao mesmo tempo se penetram? E que, portanto, anulam essa obsessão da escuta? Que partilham e se contagiam o tempo todo, porque abertos, porque de ouvidos abertos. Não há em toda a sala de aula a possibilidade de uma espécie de nascimento de um espaço-sujeito, um espaço sujeito aos sons e falas, à voz, também à escuta, pela inevitável troca do espaço sonoro. Uma caixa que, como um instrumento musical, ressoa através do toque, da pincelada, da fisgada de cada um que fala, do professor, dos colegas, das pessoas, dos livros, das leituras. Este espaço pode recuperar – apesar do que se vê hoje - a fuga da vigilância de uma escuta obsessiva. Não deveríamos estar sempre à escuta de um discurso proibido, de algo que pudéssemos facilmente decifrar, denunciar, entregar, mas desse burburinho transcendental, desse ressoar infinito, dessa interrupção da nossa audição, que se não fosse interrompida seria sempre inverossímil (como a escuta de nossa voz). Não deveria haver nessa câmara esse corte na indiferença insensata? Tornando-a uma diferença interna, que se sente por dentro, de maneira a provocar uma vibração, que relacionam o sujeito consigo e com o seu fora (P.20). “escuta-se o que pode surgir do silêncio e fornecer um sinal ou um signo...”. Não é essa escuta que nos aproxima?

Letícia Yuri Akutsu.

1. NANCY, Jean-Luc. À escuta. Belo horizonte: Edições Chão da Feira, 2014. Todas as marcações de páginas no texto se referem a essa edição. [↑](#footnote-ref-1)